

Luiz Fernando Fontes Teixeira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO

O artigo busca relatar e refletir a experiência do Café Filosófico de Natal, um projeto de extensão do Grupo de Estudos em Metafísica e Tradição (CNPq/UFRN) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), veiculado pela Televisão Universitária (TVU). Além de expor os elementos fundamentais que compõem o Café Filosófico, o texto visa debatê-los e confrontá-los com o que há de mais próprio na filosofia mesma – explorando as fronteiras do pensamento e investigando os novos e melhores meios para alcançar um nível de comunicação razoável da especulação meditativa que circunda o ambiente do Café.

Palavras-chave: Café Filosófico, extensão e pensamento.

Resumen

El artículo busca relatar y reflexionar la experiencia del Café Filosófico de Natal, un proyecto de extensión del Grupo de Estudios en Metafísica y Tradición (CNPq/UFRN) de la Universidad Federal del Rio Grande del Norte (UFRN), transmitido por la Televisión Universitaria (TVU). Además de exponer los elementos fundamentales que componen el Café Filosófico, el texto busca discutir y compararlos con el que hay de más propio en la filosofía misma – explorando las fronteras del pensamiento y investigando los nuevos y mejores medios para alcanzar un nivel de comunicación razonable de la especulación meditativa que circunda el ambiente del Café.

Palabras-llave: Café Filosófico, extensión y pensamiento.

PHILOSOPHICAL COFFEE: THE EXTENSION OF THOUGHT

Abstract

The article aims report and reflects the experience of the Philosophical Coffee from Natal, an extension project of the Study Group in Metaphysics and Tradition (CNPq/UFRN) from the Rio Grande do Norte Federal University (UFRN), conveyed by the University Television (TVU). Moreover than expose the ground elements that composes the Philosophical Coffee, the text aims to debate and confront them with what is most proper in philosophy itself – exploring the borders of thought and inquiring the newest and better ways to reach a reasonable level of communication of the meditative speculations that surrounds the environment of the Coffee.

Key-words: Extension, Philosophical Coffee and Thought.

*Para Júlio e Mário,
pelas exaustivas horas recortando e colando a realidade.*

Considerações iniciais

O Café Filosófico de Natal, um projeto de extensão do Grupo de Estudos em Metafísica e Tradição (GEMT) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), completou doze anos em 2012. Veiculado pela Televisão Universitária (TVU) e coordenado pelo Prof. Oscar Federico Bauchwitz (Depto. de Filosofia da UFRN), o Café Filosófico logrou êxito em distintas esferas da extensão universitária. A intenção desse artigo é expor os diferentes campos atingidos pelo Café e propor uma reflexão a respeito da extensão do pensamento, tanto da universidade para a sociedade, quanto da sociedade para a universidade. Por extensão entende-se a capacidade reflexiva de delinear, vincular, traçar, e ultrapassar as múltiplas fronteiras da razão, do entendimento e dos ajuizamentos. Com isto, procura-se investigar em última instância até que ponto há uma mútua reciprocidade entre extensão e sociedade no quesito “filosofar” e qual a relevância disto.

Em termos gerais é possível considerar o alcance de três domínios de extensão apreendidos pelo Café Filosófico de Natal: em primeiro lugar, o estabelecimento de um espaço de diálogo entre as mais diversas áreas compreendidas no corpo da universidade; em segundo, a abertura das discussões para a sociedade por meio de participações direta e indireta nos debates do Café; e por fim, a introdução do projeto no mundo editorial da palavra escrita e da produção extensional científica e filosófica na publicação dos livros do Café Filosófico, organizados por sua equipe e contendo múltiplos textos sobre os mais variados temas.

O espaço de além-fronteiras

O primeiro e imediato êxito do Café Filosófico, sem sobra de dúvidas, foi a inauguração de um espaço de promoção multidisciplinar entre os professor e pesquisadores da universidade. Pela equipe responsável pelo projeto já se observa facilmente essa pluralidade: a Profa. Maria Emilia Monteiro Porto (Depto. de História da UFRN), a psicanalista Ruth Dantas (Sociedade Brasileira de Psicanálise), a Profa. Monalisa Carrilho de Macedo (Depto. de Filosofia da UFRN), o Prof. Markus Figueira da Silva (Depto. de Filosofia da UFRN), a Profa. Ilza Matias de Sousa (Depto. de Letras de UFRN) e o Prof. Francisco Ivan (Depto. de Letras da UFRN), além do coordenador e proponente do projeto, Prof. Oscar Federico Bauchwitz, compõe o grupo inicial que, ademais, conta ainda com colaboradores das mais distintas áreas. Professores, pesquisadores e profissionas das artes (música, teatro, dança, cinema, artes visuais), das ciências e humanidades (biologia, física, geografia, antropologia, sociologia, psicologia, letras, comunicação) participaram do programa já desde seu primeiro ano de realização, além, é claro, da equipe técnica da TVU, composta por funcionários e estíários (muitos dos quais alunos e ex-alunos do curso de graduação em Comunicação Social da UFRN).

O diálogo multidisciplinar é sempre complicado. Via de regra devido aos desencontros metodológicos de cada esfera do conhecimento. O ambiente amistoso do Café pôde proporcionar não somente uma interação no discurso e no pensamento, senão também estabelecer um real contato entre os distintos campos de estudo. Trazer ao diálogo múltiplos pontos de vista, dotados de bases, estruturas e linguagens diferentes, representa um desafio à sintonia exigida por uma conversa. É justamente este o ponto no qual o Café oferece as forças necessárias para a intereção de toda e qualquer área. Embora os conflitos e círticas não se ausentes (caso contrário seria provavelmente bastante infrutífero), toda mediação proveniente do ambiente do Café Filosófico reforça a possibilidade de sempre abrir um novo caminho, um novo rumo, uma nova fronteira. O grande trunfo não é propriamente dizimar tais fronteiras, mas sim delinear-las com exatidão e rigor, assumi-las e quando necessário mesmo ultrapassã-las, mas sem nunca perdê-las de vista, assumindo no seio da unidade a diferença e a diversidade.

Levanto tudo isto em consideração, durante vários semestres a produção do Café optou por trabalhar com eixos temáticos abrangentes todavia pré-determinados, procurando estabelecer um mote conveniente à discussão que pudesse apresentar pontos de vista diferentes sobre um mesmo assunto, enriquecendo o diálogo. Temas como “paz”, “corpo”, “humor”, “transgressão”, “festa”, “amor”, “morte”, “poder”, “criação”, “arte”, entre outros, compuseram os módulos (de até sete programas cada um) com convidados das mais variadas áreas de pesquisa, dispostos a discutirem os assuntos propostos de maneira a interligar as múltiplas possibilidades de compreensão. O ganho da empreitada foi, sem embargo, a possibilidade de, por um lado, ajustar a conveniência dos diferentes discursos por meio de correções e orientações mútuas no pensamento do tema comum e, por outro lado, traçar um compêndio unitário, mas que não privilegiasse apenas um ponto de vista em detrimento de outro, podendo nortear o conceito geral e plural do Café. É possível afirmar que esse conceito é semelhante ao princípio mesmo do filosofar, aquele certa vez relevado pelas palavras de Tales de Mileto, responsável por intuir a natureaz úmida, aquosa, líquida, da realidade. É na fluidez da água, como no espírito do mar, que se encontram ora tormentas, ora calmaria, ora maré cheia, ora maré baixa, mas sem nunca deixar de se recolher para novamente se ajustar e outra vez se projetar adiante, indo sempre à frente em um movimento de extensão, mas retornando a si mesmo em cada novo passo e mantendo-se no lugar próprio onde sempre lhe coube.

Mídia e Diálogo

A extensão promovida pelo Café Filosófico de Natal conseguiu atingir muito além do restrito circuito acadêmico – proporcionando acesso quase irrestrito aos debates realizados, tanto ao vivo (nas gravações) quanto por meio da transmissão em rede local de televisão. Quase, porque é necessário ponderar os limites impostos pela teia que envolve os veículos de comunicação e a estrutura física que restringe a participação de um número maior de pessoas. Embora qualquer indivíduo no Rio Grande do Norte possa (teoricamente) sintonizar na TVU, a difusão está ainda reservada às fronteiras do Estado e depende da capacidade de cada televisor em particular para alcançar um grau tolerável de recepção do sinal. Além disso, os diversos espaços físicos nos quais as gravações foram realizadas comportavam um número limitado de pessoas, sendo por vezes necessário uma seleção daqueles que comporiam a platéia. Contudo, os limites não precisam necessariamente serem vistos como um demérito. Pelo contrário, a busca pelo espaço onde o saber se locomove precisa ser ele mesmo um espaço de busca, precisa buscar e ser buscado. A mídia é a ante-sala (de espera, talvez) na qual cada indivíduo aguarda a música-tema do programa se encadear para iniciar sua própria experiência que o leva ao seu íntimo momento de reflexão ao assistir o Café Filosófico.

A determinação de qualquer diálogo exige que se aguarde, exige que se tolere. Lidar com a mídia para efetuar esse caminho é talvez uma das mais novas e genuínas tarefas do filosofar. A dificuldade em harmonizar a expressão midiática com uma linguagem tão específica quanto a filosófica (sobretudo ponderando a por vezes rígida postura acadêmica) constitui a grande linha repressora, cujo desafio é sobre-passar o preconceito e o medo. O incômodo despertado pela reflexão filosófica, intrínseco em sua natureza, foi hoje transfigurado para a dificuldade em absorvê-la. Para efetivamente atualizar esse estado de aporia é preciso apresentar ao mundo a dificuldade, o transtorno. Explicar ao mundo que coisas incompreensíveis fazem parte da realidade não é tarefa fácil. Evidenciar a banalidade pela qual certos temas são absorvidos de maneira simples, quando deveriam ser motivo de transtorno e quiçá mesmo de revolta é mais difícil ainda. Neste movimento, o Café Filosófico surge como um alerta! Por meio da amistosidade do programa, a medicação torna-se, de leve, um hábito em seus telespectadores e participantes ativos. Não discursa, sussura. É como um lento passo silencioso em meio a um estrepitoso tropel. Não há marcha filosófica, senão puro caminhar. Talvez esta quebra de ritmo em meio à alucinada transmissão de informações das mídias atuais seja o único elemento para o qual realmente a subversão da filosofia se vire e promova sua virada. Como se de relance o Café Filosófico acenasse para a sociedade. E quem sabe, talvez com o ímpeto de um mudo desesperado em se expressar a sociedade acena de volta.

A marca da palavra e a reflexão do pensamento

Em uma última instância, a extensão promovida pelo Café Filosófico atingiu a esfera da palavra escrita, encadeando uma série de publicações organizadas por sua

equipe, já em seu quarto livro (quinto no prelo), registrando o êxito do projeto. As publicações do Café Filosófico se tornaram bastante populares, de forma veloz e viral (a despeito da relativamente baixa distribuição de exemplares). O livros do Café eram buscados em grande parte por pessoas alheias à filosofia acadêmica, que buscavam ou bem conhecer um pouco mais da filosofia e outras áreas, ou bem encontrar novas reflexões a respeito de temas familiares e pertinentes. Uma das maiores vantagens a respeito da publicação dos trabalhos, cujos temas eram desenvolvidos no Café, foi sobretudo a oportunidade de desenrolar todo um novo processo de revisão e diálogo, mais cuidadoso e bem refletido. Há de se considerar que jaz na veiculação de um programa televisivo uma efemeridade inerente. Como em uma qualquer conversa, o discurso passa e vai embora, não havendo grandes possibilidades de se retornar quando desejado ao que foi antes dito. Todavia, o livro immortaliza e torna público um discurso, cujas alterações se dará por meio da diversidade de leituras e interpretações.

Existe ainda uma questão a ser posta: se há reciprocidade (no quesito harmonia e amistosidade) entre o texto publicado e a conversa desenrolada no Café. Esta questão possui uma abrangência e envergadura que talvez não possa ser desenvolvida aqui – pelo justo motivo de se tratar de um texto escrito. Um autor quando escreve sua obra possui a facilidade de reler e voltar e reescrever. Pensar e repensar. Apagar, borrar, remendar. Esse mesmo autor, em uma conversa, diálogo, ou o que seja, ao falar algo é já vítima de não mais poder retirar suas palavras. Pode se reiterar, ajustar, ou mesmo negar o que foi antes dito. Entretanto, o dito é dito, é público e não tornará a ser privado e íntimo novamente. Talvez certa temeridade em relação a este ponto seja responsável por tornar o ambiente tão informal quando uma qualquer conversa. Agora bem, sustenta o livro o mesmo poder? Provavelmente não, mas talvez sustente ele uma outra característica tão valiosa quanto. O livro não irá parar nos limites da veiculação local, nem tampouco no espaço físico ou estúdio de gravação. O livro se estende pelo país, pelo continente, pelo mundo. Talvez não vigore no livro a força que vigorá do Café Filosófico, mas, quem sabe, pode ele trazer o leitor para perto desta realidade. O leitor encontrará o livro em uma estante qualquer, verá a diversidade de trabalhos publicados, e se perguntará: por que Café Filosófico? Para essa e outras perguntas, constroem-se relatos como este que aqui está apresentado.

Considerações finais

O Café Filosófico de Natal já passou por diversos formatos, múltiplas adversidades, várias renovações, incontáveis tentativas, ora frustradas, ora bem sucedidas. Suas primeiras versões eram bastante primárias, com a apresentação do programa seguida de uma breve palestra de um professor. Gravadas em locais públicos ou privados, enfrentando por vezes problemas com o equipamento de filmagem externa, exigindo da equipe técnica improviso e competência. Tudo isto fez com que houvesse uma superação no aprendizado, na unificação da equipe e, sem dúvidas, na qualidade do programa. Hoje, o programa é gravado em um estúdio reformado da TVU, com qualidade consideravelmente superior, com direito a um cenário produzido pela artista Sofia Bauchwitz especialmente para o programa, com uma apresentação muito mais simples e convidativa onde apresentador e convidado conversam e discutem temas pertinentes. A platéia participa, faz perguntas, propõe questões e reflexões. Hoje, é possível dizer que o

Café Filosófico aprendeu com a mídia, como decerto a mídia também aprendeu ao menos um pouco com o Café.

Entrementes, vale propor uma reflexão: de que maneira o Café Filosófico ilustra a extensão do pensamento? É preciso considera que pensar é já sempre estender pensamento, para fora, para além, saltando e ultrapassando. Esse salto todavia parece cair sempre no mesmo lugar. Ao que parece, o pensamento sempre volta a si, questionando sobre si mesmo e a capacidade de pensar. É uma redundância necessária, um círculo vicioso. A extensão é agora também reflexão. Estender e retroceder são os movimentos do pensamento de força ativa no Café Filosófico. O apresentador lança questões, propõe tema, faz perguntas. O convidado desenvolve o conteúdo, atualiza as formas, ajusta a compreensão. Os espectadores absorvem e expressam aquilo que supostamente pode ser compreendido, para que novamente os debatedores se reformulem, se re-proponham. A sociedade, em um sentido geral, acompanha o movimento e faz lembrar sempre que este círculo não é contudo fechado e limitado, mas infinitamente aberto, fazendo a tarefa do Café também infinitamente se renovar. Se há algo de realmente prazeroso, nisto que parece um hermetismo sem fim e sem propósito de jogar com o pensamento para lá e para cá, seja talvez a similitude entre a falta de objetivo concreto de um tal movimento e a simples pausa para um Café. Em ambos os momentos, acordamo-nos de que somos muito mais do que meros seres-produtivos, trabalhadores, modelos sociais. Em alguns momentos somos um simples gole de café, e um borrão ao fundo da xícara.